

# O retrato de meu pai

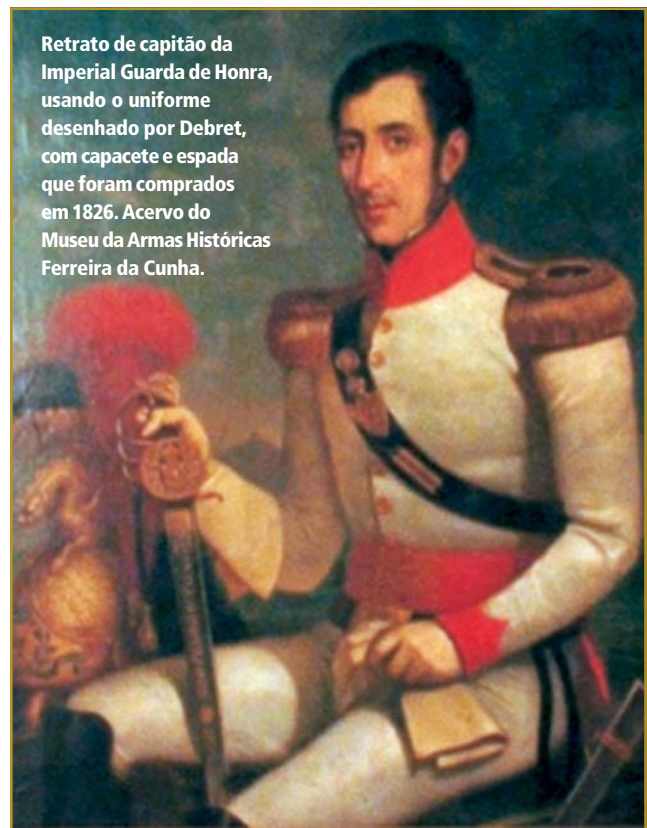
## Preservação da memória do Exército pelas fotografias pessoais

*Adler Homero Fonseca de Castro*

No topo das pirâmides do Egito, ao lado de gravações feitas por turistas recentes, pode-se ver rabiscos feitos por soldados de Napoleão e outros mais antigos, havendo até hieróglifos egípcios. Mesmo o Imperador Pedro II, ao ir ao topo do monumento, também deixou seu nome gravado na pedra, como um rapaz que grava o nome de sua amada em um árvore. Estes grafites são, infelizmente, atos de vandalismo muito comuns até hoje e uma demonstração da vontade que o ser humano tem de “deixar a sua marca” na Terra ou registrar para a posteridade alguma coisa memorável. Há muitos outros exemplos dessa vontade de perenidade, como os poemas épicos, as sagas, os monumentos construídos para celebrar as pessoas célebres, os nomes de pessoas que são dados a ruas ou logradouros públicos ou até nossos nomes de família, que preservam o ancestral fundador de nossa linhagem. Todas essas medidas têm a pretensão de tentar perenizar a memória de uma pessoa.

Uma outra forma de perenização, as vezes muito mais eficiente do que outras, é o retrato. A Mona Lisa, com seu enigmático sorriso, é uma imagem universalmente conhecida, apesar de ninguém saber quem de fato foi a mulher retratada por Da Vinci. Durante muitos séculos, a pintura e o desenho foram as únicas formas de ilustrar evento ou pessoa distantes dos olhos do observador.

Mas eram formas de preservação problemáticas. Só uns poucos felizardos tinham dinheiro para encomendar



seus retratos a um pintor, e estas pinturas, muitas vezes, não reproduziam de forma realista a feição das pessoas: afinal, quem não quer parecer o melhor possível em um retrato, ainda que este tenha que ser retocado ou até mesmo “recriado” pela mão do pintor?

Com relação às cenas de ação, a situação, em termos de uma reprodução realista dos eventos, era ainda pior. Era impossível ao pintor guardar fixo na memória

um “instantâneo” de um acontecimento em movimento e, pior do que isso, as pinturas eram o objeto de um “filtro”, destinado a mostrar apenas um aspecto que fosse do interesse do pintor ou, de forma mais comum, do interesse de quem encomendava e pagava a pintura. O quadro *A Batalha de Campo Grande*, de Pedro Américo, foi muito criticado na época do seu lançamento, pois, embora pretendesse retratar aquele combate, o pintor escolheu mostrar apenas um pequeno incidente, centrado na pessoa do Conde D’Eu, que aparece de forma proeminente na pintura, deixando de mostrar milhares de outros brasileiros que participaram do evento. Procurando dar uma resposta a essas críticas, o pintor fez o famoso quadro *A Batalha do Avaí*, buscando mostrar uma cena mais completa e dando ênfases diversas a vários protagonistas. Pedro Américo foi bem-sucedido na criação de uma imagem que se transformaria em um ícone nacional, contudo falhou miseravelmente na tentativa de recriar na tela a batalha. O que ele retratou mais parece um baile de carnaval, onde “ninguém é de ninguém”, do que um combate real do século XIX.

Às vezes, o artista alterava propositadamente o quadro, para criar uma imagem específica na mente do espectador, tal como os publicitários fazem hoje em dia. Há uma grande quantidade de textos que falam sobre quadro *O Grito do Ipiranga*, também de Pedro Américo, uma das pinturas mais famosas do País: a maior parte das pessoas, quando perguntada sobre a declaração da Independência, pensa logo naquela pintura. Mas ela é uma representação falsa do evento. Tudo, desde a topografia até a composição da cena, é criação da imaginação do artista. O exemplo mais flagrante da falsificação histórica é o uso dos uniformes da Imperial Guarda de Honra, far-



Rendição da Bahia, Juan Bautista Maino. Quadro pintado para comemorar a vitória das forças luso-espanholas contra os holandeses em Salvador em 1625.



Paço Imperial, Rio de Janeiro daguerreótipo de 1840, feito logo após a criação da técnica e o primeiro da América do Sul.

das que só foram desenhadas por Debret anos depois da Independência! Mas, mesmo sendo uma representação falsa, é uma imagem forte, tanto é que se tornou um dos símbolos formadores da nacionalidade.

A fotografia, surgindo inicialmente com o daguerreótipo (1839), depois com técnicas mais tradicionais, criou uma mudança fundamental nas maneiras de se preservar a memória por meio de imagens. As fotos surgiram como uma forma relativamente dispendiosa de

reproduzir cenas, devido ao complicado, pesado, delicado e caro equipamento que era usado. Também a fotografia era limitada a fotos posadas, por causa dos grandes tempos de exposição necessários à fixação da imagem – tanto é que muitas das fotos iniciais de cenas de combate se restringem a mostrar os mortos, que não se mexem e não estragam as fotos.

Apesar de todos esses problemas, a fotografia era muito mais acessível ao homem comum do que um retrato pintado e, mais importante, mostrava a cena “como ela era”, mesmo que fosse posada. A interpretação do artista, o fotógrafo, era muito mais indireta

do que na pintura ou no desenho. E esses dois fatores causaram uma revolução: pela primeira vez era possível registrar, no local, o momento em que as coisas aconteciam. Eventos importantes, que antes dependiam da interpretação ou releitura do artista, e que às vezes sequer tinham sido testemunhados por estes, passaram a ser preservados para a posteridade por meio da fotografia.

Fotógrafos como Roger Fenton e Matthew Brady ficaram famosos por imortalizarem cenas da Guerra da Criméia (1854-56) e da Secessão (1861-65), mostrando aspectos que eram desconhecidos das pessoas comuns. O público podia ver essas fotos em exposições, comprá-las em álbuns fotográficos ou *cartes de visite* (fotografias de formato pequeno, que apareceram em 1862) ou mesmo em jornais (inicialmente na forma de desenhos, decalcados nas fotos). Aqui no Brasil o jornal *A Semana Ilustrada* ficou famoso por uma série de litografias, feitas sobre fotos enviadas da frente no Paraguai. Com base na popularidade da fotografia, numerosos gabinetes fo-



tográficos surgem nas cidades e mesmo nos campos de batalha, e os soldados se fizeram retratar para preservar um aspecto importante de sua memória pessoal – o período em que serviram no Exército. E isso foi um padrão que se manteve ao longo das décadas até os dias de hoje, com o número de fotos sobre os conflitos crescendo de forma exponencial. Já em 1865, para a Guerra do Paraguai, o Ministro da Guerra, Beaurepaire-Rohan, mandou fotografar um soldado de frente, de costas e de lado, para que a foto servisse de padrão para fabricação de fardas do exército, substituindo os desenhos que eram usados para isso

(infelizmente, não localizamos essas fotos). Em 1895, o Exército contratou Juan Gutierrez para registrar as fortificações provisórias do Rio de Janeiro, construídas durante a Revolta da Armada. Flávio de Barros foi igualmente contratado para registrar os combates finais em Canudos e isso ainda se repetiria em 1924, quando o Exército mandou fotografar e imprimir um excelente álbum com imagens relativas às operações contra os rebeldes no Paraná. Há também as milhares de fotos feitas pelo Gabinete Fotocartográfico do Exército e pela Aviação Militar, produzidas com motivadores funcionais, mas que hoje servem de registro de dado momento da história do País.

Além das fotografias oficiais, as imagens feitas por indivíduos se popularizaram com a crescente difusão das máquinas fotográficas pequenas, baratas e fáceis de usar, que permitiam que as próprias pessoas registrassem os eventos, sem o uso do filtro da “lente oficial”, do fotógrafo contratado pelo Governo. Hoje em dia, mesmo

**Guarnição da Fortaleza da Lage, 1895,  
fotografia de Juan Gutierrez,  
mostrando os sacos de areia de reforço  
e alguns dos danos do bombardeio.**



uma pessoa de poucos recursos pode fazer suas próprias fotos usando, por exemplo, uma máquina descartável. Podemos prever com segurança que, no futuro, a difusão do registro por meio de imagens aumentará ainda mais, com o uso de máquinas digitais, que diminuiram o custo das fotografias.

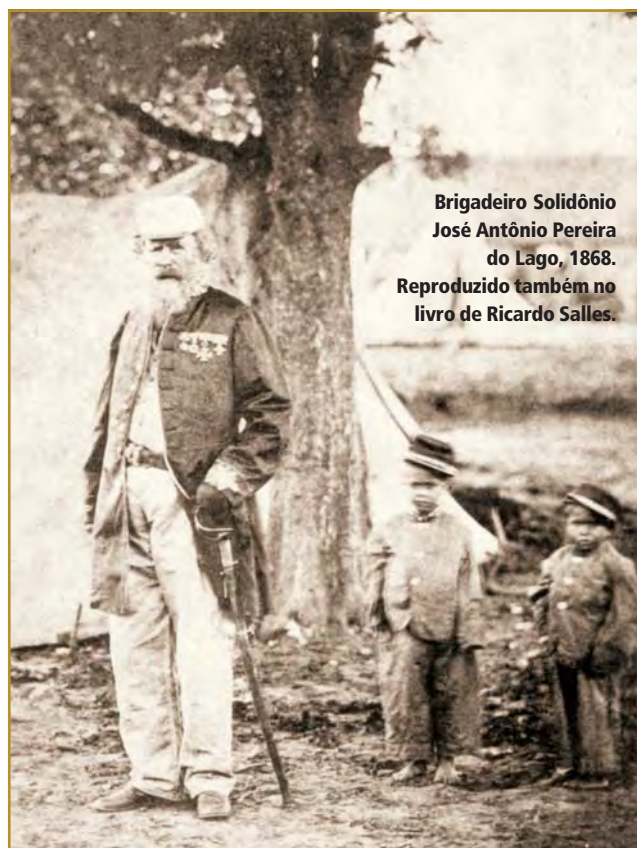
Para nós, hoje em dia, essas fotos, que às vezes tinham apenas um caráter pessoal, são de fundamental importância. Elas fazem com que seja muito mais fácil compreendermos ou nos identificarmos com os protagonistas. Algumas dessas imagens se tornaram ícones de um período, podendo-se dizer até que influenciaram o andamento de uma guerra, como a famosa foto de uma criança vietnamita, fugindo de sua casa destruída, imagem que mostrou aos norte-americanos comuns os horrores daquele conflito. Esse foi um caso em que se comprovou o velho ditado popular: “Uma imagem vale por mil palavras.” No caso, até mais que mil palavras.

Esse uso de imagens para se passar uma mensagem é muito importante em museus. Afinal, mostrar um objeto sem nenhuma informação adicional sobre este, diz muito pouco para um visitante – se é que diz algo, a não ser nos raros casos em que ele pode ser visto como obra de arte, uma coisa que deve ser usufruída por sua beleza intrínseca. Contudo, esse não é o caso da maior parte dos itens existentes em museus militares, que são

carregados de informações, mas que não podem ser “lidos” pelos visitantes, pois são apenas do domínio dos especialistas. A função dos profissionais de museu é, então, “contextualizar” o objeto, colocá-lo em uma situação em que sua carga de informações possa ser captada pelos visitantes, estes entendendo o que os museólogos pretendiam informar com a exposição.

Há diversos recursos para fazer essa contextualização. O mais simples – e antigo – é a redação de textos que expliquem o que se pretende ilustrar com o objeto exposto. Isso é um recurso perfeitamente

válido e eficiente, mas não é o único e, em muitos casos, não é o ideal. A recriação de uma determinada situação, onde o objeto aparentemente se articula com seu contexto de uso e com outros itens (uma “ambientação”, para usar o termo da museologia), normalmente é muito mais eficiente para que o visitante identifique as informações que se procura passar na exposição. Pode-se até montar uma exposição onde o visitante toque e manuseie os objetos, para ter a sensação de como era o emprego real dos mesmos. Todos os diferentes recursos usa-



**Brigadeiro Solidônio  
José Antônio Pereira  
do Lago, 1868.  
Reproduzido também no  
livro de Ricardo Salles.**

dos são muito eficientes, dentro de uma ou outra situação específica.

Ilustrar o uso do objeto através de uma imagem é uma forma muito comum de se fazer essa contextualização, dando credibilidade à informação e permitindo ao observador visualizar o objeto em sua situação natural de uso, quando ainda não era uma simples peça de museu. Para isso, é óbvio, as fotografias históricas são fundamentais pois, além de inserirem o objeto em seu ambiente natural, elas mesmas são portadoras (suportes) de informações – apesar de, infelizmente, serem muito

pouco utilizadas como tal. Um recente e excelente livro de fotos da Guerra do Paraguai (Ricardo Salles, *Guerra do Paraguai: Mensagens imagens*) é um bom exemplo disso. A obra tem o imenso mérito de divulgar para a sociedade uma série de imagens que antes só eram conhecidas dos especialistas, tendo também um conteúdo com boas informações escritas. Contudo, do ponto de vista de suporte de informações, as imagens foram pouco exploradas. Neste artigo, ilustraremos isso com um exemplo tirado do livro, mas seria possível trabalhar com inúmeras outras imagens.

Uma imagem da guerra, reproduzida no livro de Ricardo Salles, serve de ilustração das possibilidades do uso da imagem como suporte de informação: a legenda do livro para a foto de um homem barbudo é a seguinte: *Militar da Guerra do Paraguai, entre 1864 e 1870. O oficial aparece ao lado de duas crianças negras, “filhas do regimento”. Estão descalças e vestidas de uniformes maiores do que seu tamanho. Um deles puxa as calças para cima para manter os pés livres. Os quepes, muito grandes, devem ter sido de soldados.*

Mesmo sem conhecer a biografia do retratado, a foto nos permite descobrir quem ele era, além de tecer



Pedro Ivo da Silva Henriques, promovido a general em 1913, data provável deste retrato. Foto gentilmente cedida pelo Coronel Jorge Salgado.

outras considerações. Não era apenas oficial, mas sim um oficial-general, um brigadeiro, pois tem a insígnia deste posto bordada na manga. Também sabemos que foi fotografado depois de 1866, por detalhes do uniforme. Mas além disso, tem no peito diversas medalhas, inclusive a da Confederação do Equador (1824). O único brigadeiro na ativa em 1866 que tinha essa medalha era Solidônio José Antônio Pereira do Lago, logo, desvenda-se o personagem ilustrado. Uma leitura rápida da fé de ofício desse general nos permite saber detalhes de sua carreira

e, até mesmo, sugerir uma locação e data mais precisa para a foto: provavelmente foi feita quando ele ocupava a função de presidente da Junta Militar de Justiça em Tuiuti (abril de 1867 a fevereiro de 1867), ou em Vileta (de novembro de 1867 até o final do conflito).

E, com essa informação, a foto, que mostrava um “Militar da Guerra do Paraguai” adquire um outro significado, permitindo um uso muito mais completo seja para que motivo for, inclusive em uma exposição em museu.

Entretanto, nossa preocupação não é com as imagens que foram publicadas em livros. A interpretação que é feita delas pode – e deve – ser revista. É possível que uma outra análise questione o que concluímos ou descubra novas informações que estão presentes na imagem. Isso não será um problema, pois a história é um campo de conhecimento que está em permanente reformulação, com mudanças de interpretação e permanente acréscimo de conhecimento. Mas essa reformulação do conhecimento e reinterpretção das imagens só é possível com fotos que tenham sido preservadas. O problema que colocamos para apreciação dos leitores é justamente com as imagens que não foram colocadas à disposição do público, seja pela sua publicação em livros ou revis-

tas, seja pela incorporação a arquivos públicos dedicados à guarda de documentos. Há coleções de fotos pessoais, inéditas, que permitem até reformular a visão que se tem de detalhes da história nacional. Por exemplo, a questão do preconceito racial é um dos problemas sérios do País – ainda hoje. Contudo, o Exército se orgulha de ser um pioneiro na integração racial, com o fim da discriminação oficial ocorrendo após a Independência. Muitos, desconhecendo a história da Força, podem questionar se, de fato, o Exército era diferente do resto da sociedade, mas uma imagem como a da guarnição da Fortaleza da Lage, comandada pelo Major Manoel de Freitas, negro, ou, mais explicitamente, a foto do General Pedro Ivo permitem não só mostrar que a ascensão social era possível (mesmo que fosse difícil), mas também provar isso de forma inegável a todos que virem as fotos.

Outras imagens permitem desvendar detalhes da vida cotidiana dos quartéis, como a de José Ricardo Gomes de Carvalho Filho, fotografado com um vistoso bigode, do gosto da época, e com insígnias de sargento no braço (uma brincadeira?), quando era capitão do 36º Batalhão de Infantaria, sediado no Amazonas. Esse retrato, preservado pelos descendentes, que estão interessados em recuperar parte da história familiar, é interessante, pois o capitão, por algum motivo, *não* aparece nos almanaques do Exército. Sem esse registro fotográfico, junto com outras imagens que permitem afir-



Capitão José R. G. de Carvalho Filho.  
Foto gentilmente cedida por Lúcia Carvalho.

mar que era seguramente um oficial do Exército (e não da Guarda Nacional), seria praticamente impossível traçar a sua história dentro da Força.

Outras imagens, sem tantas informações, ainda assim permitem recriar uma ambiência que leve à melhor compreensão de um período, como as cenas de equitação em 1938, mostrando a preocupação de modernização do Exército naquele momento, visível pelos tanquetes Ansaldo, recentemente adquiridos, convivendo com a manutenção das tradições da cavalaria hipomóvel. Ainda

nessa situação, há as fotos do médico do Esquadrão de Reconhecimento da FEB, Tenente Rubens, que registrou imagens que praticamente são desconhecidas, como o *Leão do Norte*, um dos carros M-8 do esquadrão, ou os ainda menos representados meia-lagartas, como o *Ivone*, usados para levar a munição para a frente.

A série de fotos de Cid Ricardo Correa Salgado, que serviu em Fernando de Noronha durante a Segunda Guer-



Tanquetes Ansaldo na Escola de Motomecanização, c. 1938.  
Foto gentilmente cedida por Eduardo Coelho.



Fotos (abaixo) de álbum do Tenente Rubens, do Esquadrão de Reconhecimento da FEB. Fotos gentilmente cedidas por Ricardo Bonalume Neto.



ra, tal como as do Segundo-Tenente Rubens, médico do Esquadrão de Reconhecimento, são um exemplo particularmente interessante, pois ambos eram fotógrafos amadores entusiasmados, que registraram aspectos com que os fotógrafos oficiais não se preocuparam – e que, por isso, hoje são de extrema importância para se conhecer a vida real no Exército durante o momento fundamental para a sua formação, a Segunda Guerra Mundial.

A preservação desses álbuns e imagens por particulares permite, assim, resgatar aspectos da vida cotidiana de nossas Forças Armadas e, através disso, valori-

zar a ação desses homens que serviram a seu país. Infelizmente, os casos citados acima, de pessoas que se preocupam com sua própria história familiar, são uma exceção e não a regra. A maior parte das famílias não pensam em termos de preservação. Para muitos, essas fotos, que trazem recordações e profundos sentimentos àqueles que participaram dos eventos, não têm significado ou importância, uma vez que os parentes que as fizeram se foram. O autor desse artigo já comprou, em camelôs, fotos que certamente tiveram grande importância para os retratados e sua família imediata, mas que hoje são considerados lixo a ser descartado. Uma perda não só para a própria pessoa que jogou fora os retratos, parte de sua história pessoal, mas para o País como um todo, que ficou mais pobre culturalmente.

Consideramos que este seja um problema de grande importância, mas que ainda não teve condições de rece-



Foto de missa campal celebrada em uma das fortificações temporárias construídas para abrigar os canhões 88mm do 1/2º RAAe em Fernando de Noronha. Foto de Cid Ricardo Correa Salgado.



Preditor Wigoc, computador mecânico usado para calcular o tiro dos canhões antiaéreos. Foto de Cid Ricardo Correa Salgado.

ber a atenção dos órgãos de preservação: o que acontecerá com as fotografias feitas por particulares, que aparentemente têm apenas valor sentimental para a pessoa que a fez, quando essa pessoa morrer? Certamente há milhares dessas, que permitem analisar os aspectos mais diversos da vida militar e social do País ao longo das décadas.

A perda desse material é um problema recorrente. Por exemplo, a Associação de Veteranos da Guerra do Paraguai, dirigida pelo Vice-Almirante reformado Arthur Jaceguay, em 1899 tinha um museu. Contudo, tanto a associação como o seu museu desapareceram sem deixar vestígios. Mesmo mais recentemente, às vezes descobrimos que acervos públicos, como os de algu-

mas unidades do próprio Exército, se perdem, pois a preservação da memória, não sendo a “atividade fim” dessas unidades, às vezes, é relegada a segundo plano, com inevitáveis perdas para a História.

Com os acervos particulares, os objetos materiais das pessoas – espadas, medalhas etc – ocasionalmente são preservados, pois têm valor comercial, mesmo que reduzido. O mesmo não acontece com as fotos, que, aparentemente, não têm valor. Perguntamos: o que aconteceu com o álbum do Tenente Rubens? Este tinha sido dado ao Marechal Pitaluga, mas tanto o tenente como o marechal se foram. Onde estarão essas fotos? Onde está o álbum de fotografias feitas pelos oficiais da Esquadilha de Ligação e Observação, nos seus passeios em um jipe capturado? Mesmo que tenham passado para as mãos de uma pessoa interessada, ou até para uma organização mili-



Retrato de Francisco Gomes da Silveira. O veterano, portando com orgulho as medalhas de campanha da Guerra do Paraguai. Foto comprada por alguns centavos em um camelo.

tar, essas imagens ainda correm perigo de cair no esquecimento ou se perderem – se é que já não se perderam.

O Exército já tomou algumas medidas de preservação de aspectos que antes eram desprezados. As coleções de história oral publicadas pela Bibliex são um indicador de que existe uma preocupação com alguns pontos “não tradicionais”. Mas essa preocupação, sem ações que a efetivem, não pode ser considerada como uma solução. E as cartas de nossos soldados? Tanto na Inglaterra como no Canadá, há programas recentes de incentivo à doação de cartas e diários de veteranos aos arquivos públicos, para que possam ser preservadas para a posteridade. No caso de fotos, esses programas, que também existem no exterior, são mais antigos. Há sistemática de recolhimento do material, que fica disponível para consulta em arquivos públicos – e que hoje pode ter uma divulgação muito mais ampla, usando-se meios digitais (CD-Roms) ou a Internet. A implantação de um programa

semelhante no Brasil pode-se valer dessa experiência, que demonstra que não são necessários gastos elevados, o maior desses sendo os com divulgação. Mas esta divulgação pode, inicialmente, ser feita através das próprias organizações militares, viabilizando uma rápida implantação da idéia. De qualquer forma, é um programa cuja criação é necessária e vital. Devemos agir o quanto antes para iniciar essa preservação, para que não ocorra o mesmo que aconteceu com o acervo da Associação de Veteranos da Guerra do Paraguai, desaparecido no limbo. Tomemos medidas para perenizar a memória de nossos soldados.

**Adler Homero Fonseca de Castro** – Natural da cidade do Rio de Janeiro, é mestre em História. Pesquisador do IPHAN, vem realizando, há vinte anos, pesquisa sobre a história das armas e fortificações. Atualmente é membro do Conselho de Curadores do Museu Militar Conde de Linhares e do Museu das Armas Ferreira da Cunha.